

AO N.º 2032 DO



O CUROSCANTE.



O poeta *curoscante*, que a nossa caricatura apresenta hoje, é um bicho feroz da família dos camellos, porém que se domestica facilmente ao som de uma poesia.

Este animalsito, supposto que não seja de muita pequena estatura, é forte em odes, elegias, sonetos etc. E' um rival do grande Camões. Consta

que tem dois olhos, em frente d'elles dois vidros encastoados em ferro, sobre o melão careca quatro arrateis de cina, tinta em açafrão, um nariz que excede a medida de craveira, formando todo este composto uma cousa que se diz parecer com uma cabeça, porém ainda é questão não decidida. Com tudo, seja ou não, elle tem vida e o movimento de um relógio orisontal com a mola partida! Em abrindo a boquinha, a poesia sae com tanta violencia e profusão, como o lixo de um barril na occasião de se vassar na carroça municipal!

E' inquestionavel o seu merecimento; e para o classificarmos citaremos o que a seu respeito disse *Virgilio* no anno de 1276:

Vai assim que vaes muito bem
Mas segura sempre a carapinha
E em cançando de puchar pelo caleche
Andarás ao som de campainha.

Todos sabem que *Virgilio* era um advogado e feiteiro, e preveniu 575 annos antes o que havia acontecer hoje. Mas segura sempre a carapinha! lhe recomendava *Virgilio*, e advinhou! Foi em 7 de Março de 1851 que teve logar o acontecimento! S. Ex.^a *curoscante* ouviu fallar em duellos e chicotadas. Ora estas duas cousas tem grande complicação com o seu estado nervoso, e então a poesia ferveu-lhe no estro, e sahiu machinalmente este bello trecho — Sr. Presidente, toque a campainha!... — Isto é extraordinario, e muito romantico!

O homem da cabelleira côr d'amendoa fez-nos recordar as caretas do Theodorico no Duende, e na baixa-comica não conhecemos outro que o imite! Foi n'este conflicto que os olhos e topete deixaram os patrios lares, o foi publica a exposição de melão em Março de 1851! O homem pucha bem ao caleche, porém a campainha lá o espera quando a polmoeira o inhabilita para este serviço, que por ora preenche tão habilmente.

O chinó lhe seja leve.



política a serem engraxadas com cêbo!

No Marcos, por que é impolitica entrar elle ao meio dia na loja do colchoeiro, e beber o seu martellinho.

No Laborim, por que é impolitica mandar elle tocar a campainha a uma authoridade respeitavel, da mesma fórma que em um arrail se diz — toque a musica.

No mocho, por que é impolitica cantar elle em côro com os *uma a um*.

No sr. F. de tal, por que é impolitica ser coronel de cavallaria, e montar com a perninha encolhida, o que é prohibido pela arte de picaria.

No Aniceto, por que é impolitica apresentar a Fada de Frith no tempo santo, em que se ganham jubileos.

Nas reconsiderações, por que é impolitica dizer hoje uma cousa e amanhã outra, e ganhar nestes dois dias por este serviço 5.760.

No caleche, por que é impolitica ser côr de papas de milho.

Na falta de progresso do anno de 1851, por que é impolitica prohibir ao cidadão, qualquer que seja a sua posição, o fallar em politica.

E finalmente, nos charutos J, por que é impolitica custarem 30 rs., sendo da mesma qualidade, ou talvez peores, que a palha desgostosa e putrida, a quem o contracto appellido charutos de 20 rs.

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

BAN



anco. — E' um assento, mas que não tem costas, e em alguém se sentando nelle, e encostando, não tendo outra cousa em que se firmar, é evidente a *cambalhota*.

Banco (mar) baixo d'arêa, ou pedra do mar, on

de é perigoso a aproximação de qualquer

navio; muitos se tem alli perdido, e *grandes fortunas submergido*.

Banco de ferrador, especie de cepo com uma ou mais bigornas. E' o logar onde se ferram bois, e animaes proprios para puchar caleches; alli se prendem pelo bico os que estão desinquietos, e até se lhe corta o salitgo para firmar a ferradura.

Banco de carpinteiro, logar onde a madeira é muito bem aplainada e serrada, e alli evgota parte da sua grossura ás mãos da plaina e serra devoradora.

Banco da terra nova (mar) logar onde se pesca o bacalhau e outros peixotes semelhantes, depois são *escallados* e vendem-se (sem cabeça) a 50 rs. o arratel.

Banco (commum) logar onde o que negocia dinheiro exerce a sua profissão, caixa publica onde qualquer pessoa pôde entrar com o capital e não *vêr juros*, casa onde se depennam *patos* e para onde entram *pintos* de bella prata e sahem *papeis* para castiga.

Banco (mar) cidade na ilha do *Pelourinho*, habitada por salteadores, trapaceiros e alquiladores. E' notavel esta cidade pelas grandes *ações* que alli tem havido, porém como foram em epochas remotas, já hoje ninguém se lembra d'ellas.

(*Diccionario Historico*).

CHI

CHICOTE. — E' um pausinho de 24 ou mais pollegadas de comprimento, onde está presa uma trança formada de tres tirinhas de couro, e terminando por uma ponta de pita. Este instrumento tem muita serventia, e é de grande utilidade. Serve para mimosear as bestas quando não querem andar; com elle se obrigam a fazer reconsiderações; faz conhecer o enfermeiro aos loucos; faz côrar o homem que tem caleche, e andar direitos os que o *pucham* quando se trasmalham dos tirantes, accommodar os desinquietos, e respeitar o *senhor* pelos escravos.



odos se queixavam, e com razão, do pouco zelo que havia com os contrabandos. Ha pouco tempo passou um contrabandista (Antonio se chama elle) 90 arrobas de *porcelana*, e ninguém deu por isso; quando se soube já ella estava em casa de seu dono D-pois um salcheheiro passou tambem, sem pagar direitos, alguns *arrateis de chouriços*. Indagou-se quem era o sujeito e soube-se,

mas não se pôde encontrar para ser castigado.

Ainda outro depois passou o seu *atum*, e quando se soube já parte d'elle estava comido.

Desde então as pesquisas tornaram-se mais rigorosas, e já ninguém é capaz de passar uma sardinha sem pagar direitos; e a prova é que uma mulher que trazia uma bexiga com azeite, foi preza na ponte dos vapores! Agora sim, senhor, acabam-se os contrabandistas, e o que lá vai, lá vai; d'ora em diante vida nova. A porcelana, os chouriços e o *atum* foram, contrabandos insignificantes, que nem merecem a pena; porém uma bexiga com azeite! Isso é mais sério!!!



O Domingo foi novamente á scena a opera de Donizetti — A Favorita. — As partes principaes desta opera são: Madame Stoltz, Portehaut, e Musich. O publico applaude estes actores e fez-lhe justiça. O scenario é novo e bem desempenhado. Madame Stoltz foi mimoseada com ramos de flores, que na verdade dignamente mereceu.

Os applausos foram tantos, que obrigaram os actores a sahir fóra diferentes vezes.

Estamos aterrados, perdidos de medo, e horrorisados, por uma cousa que ahi se diz. Vamos ter chouriços com unhas! e condes de ma-ma-ma-ma-mar!!!



s empregados publicos, depois da herança que tiveram da velha, serrada em 26 do corrente, parece estarem um pouco mais gordinhos, e por consequencia no caso de poderem esperar mais a bagatella de 3 ou 4 mezes.

Responsavel, Manoel de Jesus Coelho

LISBOA

Typografia de Manoel de Jesus Coelho
Itua do Pogo dos Negros n.º 54.



toque a campainha

